

## O COMÉRCIO DE PRODUTOS ZOOTERÁPICOS NA CIDADE DE FEIRA DE SANTANA, BAHIA, BRASIL<sup>1</sup>

JULIANA N. ANDRADE<sup>2</sup> & ERALDO M. COSTA NETO<sup>3</sup>

<sup>2</sup>Acadêmica do Curso de Ciências Biológicas (juliuefs@bol.com.br)

<sup>3</sup>Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Ciências Biológicas, Km 03, BR 116, 44031-460, Feira de Santana, Bahia, Brasil (eraldont@uefs.br)

**(O comércio de produtos zoterápicos na cidade de Feira de Santana, Bahia, Brasil)** – Este artigo discute o uso de animais comercializados com finalidade medicinal e mágico-ritual na cidade de Feira de Santana, estado da Bahia, nordeste do Brasil. Os dados foram obtidos em outubro e novembro de 2003 por meio de entrevistas livres e semi-estruturadas realizadas com cinco homens e quatro mulheres, cujas idades variaram de 17 a 54 anos. Estes eram lojistas e vendedores ambulantes. Parte das entrevistas foi registrada em fitas micro-cassetes e tanto as transcrições quanto as fitas estão mantidas no Laboratório de Etnobiologia da Universidade Estadual de Feira de Santana. Foram registrados 16 tipos de animais comercializados para diversos fins medicinais e mágico-rituais. Os entrevistados forneceram dados sobre: os modos de preparo e de administração dos produtos; como eles são obtidos; valores de compra e venda; parcela da população que adquire esses produtos; e como eles mesmos adquiriram conhecimentos a respeito da prática zoterapêutica. O comércio de produtos animais em estabelecimentos comerciais, em feiras livres ou em barracas ambulantes nas ruas da cidade resulta em uma prática que impõe riscos aos comerciantes, visto que é ilegal negociar com produtos de origem animal extraídos da natureza. No entanto, tais produtos são importantes tanto para os indivíduos que os vendem quanto para aqueles que os compram. Deve-se buscar, pois, um uso de recursos animais que seja mais ecológica e eticamente sustentável.

**Palavras-chave:** Zooterapia, etnozootologia, medicina tradicional, sustentabilidade, Bahia.

**(The trade of zotherapeutic products in the city of Feira de Santana, Bahia, Brazil)** – This article deals with the use of animals commercialized as medicinal and magical-ritual resources in the city of Feira de Santana, Bahia State, northeastern Brazil. Data were obtained in October-November 2003 by means of open-ended interviews carried out with five men and four women, whose ages ranged from 17 to 54 years old. The interviewees were shopkeepers and informal sellers. Some of the interviews were tape-recorded, and both the transcriptions and tapes are kept in the Laboratory of Ethnobiology at the Universidade Estadual de Feira de Santana. Sixteen types of animals were recorded in the interviews. They are traded for several medicinal and magical-ritual purposes. Traders have provided data on the following aspects: how to prepare and administer the animal-based products; the way these resources are obtained; the purchase and sale prices; the segment of the population who acquire these products; and how they acquired their knowledge of zotherapeutic practice. The sale of animal products in shops, markets and street stalls is a risky practice, since it is illegal to make commercialized products from wild native animal species. However, these products are significant both for those who sell them and for those who that buy them. Efforts should thus be made to achieve more ecologically and ethically sustainable uses of animal resources.

**Key words:** Zotherapy, ethnozootology, traditional medicine, sustainability, Bahia.

### INTRODUÇÃO

A medicina popular, também conhecida como medicina folclórica ou caseira, é um fenômeno que marca a cultura de cada povo (MELO, 1999). Essa prática médica é transmitida de geração a geração especialmente pela tradição oral e geralmente praticada por especialistas tradicionais, como erveiros, médiuns, parteiras, benzedores e curandeiros, que utilizam diferentes recursos vegetais, animais e minerais para tratar e curar doenças e enfermidades que afetam não apenas os seres humanos, mas também os animais (prática conhecida como etnoveterinária) (PEREIRA & SOUTO, 1999). Em se tratando de medicina popular, o termo “doença” é utilizado de forma ampla para se referir tanto às enfermidades de origem personalística (provoca-

das por um agente humano ou sobrenatural) quanto àquelas de origem naturalística (provocadas pela intervenção de causas ou forças naturais), incluindo-se desde estados dolorosos a perturbações de ordem psíquica (FOSTER, 1983).

Incluída no rol das práticas médicas tradicionais encontra-se a zooterapia popular, que pode ser definida como a utilização mágico-medicinal de “remédios” elaborados a partir de partes do corpo do animal, de produtos de seu metabolismo, como secreções corporais e excrementos, ou de materiais construídos por eles, como ninhos e casulos. Tais medicamentos visam a restabelecer o bem-estar físico e/ou psicológico dos indivíduos.

O uso de produtos terapêuticos de origem animal tem constituído parte significativa do inventário de substâncias medicinais presentes em várias culturas humanas, desde tempos antigos (PINA, 1946; GÓMEZ-ULLA, 1983; LEV, 2003). No México, a zooterapia tradicional segue ocupando lugar importante no tratamento das enfermidades da maior parte das pessoas que vivem no país. PINO & RAMOS-

<sup>1</sup>Este trabalho resultou de um estágio voluntário desenvolvido por JN Andrade.

ELORDUY (2003) registraram 341 espécies de animais para a cura de diversas doenças. A fauna também é empregada como um recurso mágico de cura, sendo utilizada como deuses, amuletos e indicadores de maus presságios. Os autores destacam a importância que os animais têm neste tipo de medicina e seu significado para, desta maneira, ampliar e difundir a propriedade intelectual deste conhecimento e sua repercussão na economia do país.

Estudos sobre zooterapia popular conduzidos no estado da Bahia desde 1995 já registraram o uso de mais de 180 animais considerados “medicinais” (COSTA NETO, 2004). O conhecimento das supostas propriedades terapêuticas desses animais encontra-se bastante arraigado nas tradições populares, daí ouvirem-se frases como “barata é um santo remédio” (COSTA NETO, 1999a). A emergência de uma ampla gama de recursos zooterapêuticos utilizáveis na farmacopéia baiana revela a importância etnobiológica do fenômeno, ao tempo que levanta questões cruciais que devem ser levadas em conta, tais como: biologia da conservação; saúde pública; manejo sustentável dos recursos naturais; prospecção biológica; e lei de patentes (COSTA NETO, 2005).

Devido à importância da medicina popular e, conseqüentemente, da zooterapia no estado da Bahia, este artigo discute sobre os animais utilizados e comercializados com fins medicinais e mágico-rituais na cidade de Feira de Santana.

#### METODOLOGIA

O trabalho de campo foi desenvolvido nos meses de outubro e novembro de 2003, realizando-se entrevistas livres e semi-estruturadas com lojistas e vendedores ambulantes em diferentes pontos da cidade de Feira de Santana: ruas do comércio local (Travessa Joaquim Pitombo e Rua General Pedra), lojas especializadas em produtos mágico-religiosos (casas de ervas) e no Centro de Abastecimento, principal feira livre da cidade.

Foram entrevistados cinco homens e quatro mulheres, cujas idades variaram de 17 a 54 anos. Após explicar os objetivos do trabalho e pedir consentimento, os entrevistados responderam questões que cobriam os seguintes aspectos: recursos zooterapêuticos comercializados com fins mágico-medicinais; finalidade de uso; modo de uso; valores de compra e venda; modo de aquisição dos produtos zooterapêuticos; modo como os comerciantes adquiriram o conhecimento a respeito desses produtos; e clientela que os adquire. Os nomes das doenças e/ou sintomas foram registrados segundo a terminologia utilizada pelos informantes. Sua interpretação e possíveis semelhanças com patologias conhecidas pela ciência médica acadêmica requerem estudos mais aprofundados.

Parte das entrevistas foi registrada em fitas micro-cassetes e tanto as transcrições quanto as fitas estão mantidas no Laboratório de Etnobiologia da Universidade Estadual de Feira de Santana. Produtos zooterapêuticos obtidos mediante compra foram identificados e incluídos na coleção particular do segundo autor, que se encontra disponibilizada no referido Laboratório.

#### RESULTADOS

Foram registrados 16 tipos de animais comercializados como recursos zooterapêuticos e mágico-rituais na cidade de Feira de Santana. Esses animais pertencem às seguintes categorias taxonômicas: anfíbios (1), equinodermos (1), artrópodes (2), peixes (3), répteis (3), aves (2) e mamíferos (4). Deles são obtidas 17 matérias-primas, tais como olho, pena, pênis, couro, chocalho, óleo (gordura), que são indicados para diversos fins medicinais e mágico-rituais (Tabela 1). Os modos de preparo e de administração desses recursos são observados no Apêndice.

Além de vender os produtos, os comerciantes também ensinam como prepará-los e/ou utilizá-los. Para o tratamento de determinadas enfermidades, por exemplo, recomendam que o produto zooterapêutico seja torrado, moído e o pó resultante seja misturado a um chá feito com diferentes plantas ou simplesmente adicionado à água morna, como se observa nos trechos abaixo:

*[...] torra e bota ou na água morna ou no chá. Qualquer chá que seja de favaca, hortelã-graúdo, caatinga-de-quiola, hortelã-miúdo também serve* (Dona B., 45 anos).

*A maçã-do-boi, o pessoal usa ela mais pra derrame, torrada também no chá por causa do vento, comida que faz mal, essas coisas. [...]. O chá melhor são a canela, erva-doce, cidreira* (Dona M., 44 anos).

*Serve para ataque de epilepsia. Se for a primeira vez que tenha dado. Faz um chá com ele* (chocalho da casca) *que nunca mais tem. Primeiro ataque que a pessoa tem, né?* (Seu P., 40 anos).

Às vezes, recomenda-se preparar o remédio misturando diferentes matérias-primas animais:

*[...] serve pra asma também. É preparado o couro de jacaré, estrela-do-mar e o cavalinho-do-mar [...]. Torra, faz aquele pozinho e dá na água morna* (Seu M., 54 anos).

*Você torra ela* (estrela-do-mar), *coloca com mel, o espinho de luís-cacheiro, aí a criança fica boa pro cansaço. Torra o espinho bem torrado, coloca o pó do espinho junto com mel e faz o xarope. Pode usar o couro de jacaré, pedacinho, estrela-do-mar e o couro da ema também é ótimo pra cansaço* (Dona S., 40 anos).

*[...] óleo de peixe-boi serve pra coceira, pra dor no espinhaço, dor na barriga. Tem de misturar com o óleo do peixe-espinho, os dois juntos* (Dona S., 40 anos).

Na opinião dos entrevistados, não há contra-indicação no uso de remédios preparados à base de animais, mas é preciso prestar atenção à idade do usuário no que se refere à quantidade a ser usada:

*Para criança, se quiser, pode abrir a estrela, torar ela no meio, botar uns dois ou três pedacinhos. Se não quiser não bota todo, né? Vai depender da criança. Se for assim uns cinco anos. Se for um aninho, bota só um pedacinho* (Dona B., 45 anos).

Tabela 1. Animais comercializados como recursos mágico-medicinais na cidade de Feira de Santana, Bahia (Outubro/Novembro 2003).

Nome comum	Pista taxonômica	Parte usada	Uso mágico-medicinal	Valor de compra (R\$)	Valor de venda (R\$)
<b>Arthropoda</b>			Constipação	...	5,00 (cada)
Formiga-conga	Ponerinae	Inteira	Ingrediente usado em pemba-corredeira, pó de enjôo ou pó de sumiço	...	10,00
Aranha	Theraphosidae	Couro	Fazer pemba-corredeira	...	...
<b>Echinodermata</b>				0,25–1,50	0,50–2,50
Estrela-do-mar	Asteroidea	Pedaço	Gripe, asma, cansaço, “catarro do peito”	5,00 (dúzia)	
<b>Osteichthys</b>				0,25–2,00	0,50–3,00
Cavalo-marinho	<i>Hippocampus</i> sp.	Inteiro	Asma, cansaço, gripe, bronquite	7,00 (dúzia)	
Peixe-espinho	...	Óleo	Frieiras, rachaduras nos pés	...	...
Peixe-pedra	...	Óleo	Problemas no fígado, cirrose, cólica.	...	...
<b>Anfíbio</b>				...	...
Sapo-boi	Bufoidea	Couro	Fazer pemba-corredeira	...	...
<b>Réptil</b>				1,50 ou 4,00 (pedaços)	1,00–2,00.
Jacaré	Alligatoridae	Couro	Asma, cansaço, derrame	20,00–30,00 (couro inteiro)	3,00–5,00
Cascavel	<i>Crotalus durissus</i>	Chocalho	Cansaço, asma, epilepsia Amuleto para dar sorte	0,50	0,50–1,00
Jibóia	<i>Boa constrictor</i>	Couro	Como defumador para tirar mau-olhado, para prosperar dentro de casa Côlicas	0,50	1,00–0,50 (pedaço)
<b>Ave</b>				1,00	1,00
Pavão	<i>Pavo cristatus</i>	Pena	Derrame, epilepsia		
Ema	<i>Rhea americana</i>	Couro	Desempele (erisipela?), ferimentos, dor de coluna (dor na costela), cansaço	...	...
		Óleo	Idem	...	...
<b>Mamífero</b>				0,30	0,50–2,00 (cada pedaço)
Luis-cacheiro	<i>Coendou</i> sp.	Espinho	Derrame, “vento caído”, cansaço	10,00–30,00 (couro inteiro)	1,00–3,00 (cada pedaço)
Boi	<i>Bos taurus</i>	Maçã-do-boi	Derrame, “vento”, comida que faz mal	...	5,00 (inteira) 3,00 (pedaço)
Peixe-boi	<i>Trichechus</i> sp.	Óleo	Coceira, dor no espinhaço, dor na barriga	...	5,00
Quati	<i>Nasua nasua</i>	Vergalho (pênis)	Impotência	3,50–4,00	...

Qualquer idade, né? Se for novinho, a quantidade bem pouca. Mas pode usar, não tem problema algum. Com quatro meses em diante pode usar. Não tem problema nenhum (Seu P., 40 anos, referindo-se ao cavalo-marinho).

A idade da criança pode ser a partir de seis meses em diante. Novinha não é muito bom dar não (Seu A., 46 anos).

Deve-se também ter cuidado para guardar segredo quanto à origem do remédio que se está prescrevendo ou tomando, caso contrário não se obterá o efeito desejado. Isso ficou claro no depoimento a respeito do cavalo-marinho, um recurso zoterápico considerado “produto natural”: *E quando faz o chá não fala com a criança, senão não faz efeito. Não pode falar. É segredo* (Dona B., 45 anos).

Quando questionados se já haviam feito uso de zoterápicos, alguns entrevistados disseram que sim, conforme se observa nos relatos a seguir: *Já. Pra um filho meu. Cansava muito. Eu fiz a experiência e deu certo. Nunca*

*mais ele teve cansaço* (Seu P., 40 anos); *Várias vezes. Até pra meu sobrinho. Cansava, tinha problema de asma. Ficou bom* (Dona S., 40 anos).

Segundo os entrevistados, as matérias-primas de origem animal são obtidas, na maioria das vezes, através de pescadores e/ou caçadores, que oferecem seus produtos aos comerciantes das casas de ervas, aos vendedores ambulantes e aos erveiros do Centro de Abastecimento. A estrela-do-mar e o cavalo-marinho, por exemplo, são trazidos de cidades litorâneas, como Salvador, Santo Amaro e Cachoeira; o vergalho (pênis) do quati (*Nasua nasua*), vendido como afrodisíaco, costuma ser obtido de caçadores provenientes das cidades de Itaberaba e Rui Barbosa, enquanto que o espinho de luis-cacheiro (*Coendou* sp.) e o couro do peixe-espinho (espécie não identificada) vêm do Amazonas; a formiga-conga (Ponerinae) é trazida da “roça”; o couro do jacaré é obtido de fornecedores que “pescam” o animal; o couro do peixe-pedra (espécie não identificada), produto difícil de ser obtido, é proveniente da praia de Itapuã, em

Salvador; a maçã-do-boi (bezoário) é obtida de indivíduos que trabalham em frigoríficos ou nos matadouros.

Com relação à finalidade mágico-ritual, os produtos animais são comercializados para diversos usos: proteger contra maus-olhados; atrair sorte para dentro de casa; atrair sorte para o próprio indivíduo; ou praticar atos que podem ser reconhecidos como atividades de magia negra:

*Formiga-conga serve pra fazer pomba preta, corredeira, pó de enjôo, pó de sumiço. Se a pessoa quer separar um casal, se a pessoa quer botar em uma casa pra ter briga, só colocar a pomba preta misturada com ela. [...]. Eu misturo ela também com couro de sapo-boi. Torra o sapo-boi e coloca o pó e faço a pomba. [...]. É uma pomba que a pessoa sopra nas costa da pessoa. É arriscado soltar o pêlo da pessoa! (Dona S., 40 anos). Geralmente, a pessoa pega a jibóia para fazer defumador. O couro de jibóia para prosperar dentro de casa, os olho gordo. É imitando o cascavel, o chocalho de cascavel. [...]. Geralmente, todo mundo procura o chocalho de cascavel para botar na carteira tipo um amuleto (Dona S., 40 anos).*

Em relação aos valores de compra e venda dos produtos zoterápicos, observa-se uma variação acentuada entre os comerciantes que expõem os mesmos produtos, mas em locais distintos. A Tabela 1 traz os valores de compra e venda dos produtos zoterápicos. Os comerciantes adquirem cavalos-marinhos por um preço que varia de R\$ 0,25 a R\$ 2,00 a unidade, ou ainda R\$ 7,00 a dúzia, mas os vendem por valores situados entre R\$ 0,50 a R\$ 3,00. Algo semelhante acontece com a estrela-do-mar, cujo preço de custo varia entre R\$ 0,25 a R\$ 1,50 cada, ou ainda R\$ 5,00 a dúzia; o preço de venda varia de R\$ 0,50 a R\$ 2,50 a unidade. Já o couro inteiro do luís-cacheiro é comprado por até R\$ 15,00 e os pedaços contendo os espinhos são vendidos por R\$ 1,00. Dependendo do tamanho, pedaços do couro do jacaré são vendidos por R\$ 1,00; inteiro, é comprado por até R\$ 30,00. E o chocalho da cascavel é vendido por R\$ 3,00 e comprado por até R\$ 2,50; o vergalho do quati é vendido por R\$ 5,00 e comprado por até R\$ 4,00.

Segundo os entrevistados, os preços variam de acordo com a época do ano (se há abundância ou não do recurso) e com o tamanho do animal, como se observa no seguinte depoimento: *Varia, né? Depende da época. Tem época que tem bastante. Tem época que não tem. Quando tá pouca é R\$ 0,70, R\$ 0,80 cada pedaço (Seu P., 40 anos).*

De acordo com os entrevistados, os produtos zoterápicos, na maioria das vezes, são comprados por indivíduos mais velhos, por mães que buscam tratar enfermidades de seus filhos e por aqueles considerados de baixa renda:

*Quem compra mais são as pessoas mais velhas, gente de idade ou experiência (Seu M., 54 anos); Quem compra mais são as mães pra dar para os filhos e também pessoas idosas (Seu A., 46 anos);*

*Quem compra geralmente são as pessoas de baixa renda (P., 17 anos); Tanto faz, viu? Tanto moderno como novo, né? Porque a maioria, as pessoas que conhece, já vem conhecido. Qualquer pessoa compra (Dona M., 44 anos).*

No caso do vergalho do quati, que é considerado como afrodisíaco, são os homens quem mais o procuram: *Sempre os homens que compram. Algumas esposas já vieram, mas é mais os homens que compra (Seu P., 40 anos).*

A prática de medicina popular, como uma atividade humana, é passível de fraudes. Tal comportamento fica evidente neste trecho: *A gente compra óleo. Vem de Amazonas também. O óleo do peixe. Tem o óleo do peixe-boi. [...]. Tem pessoas que faz aqui na Bahia, mas o verdadeiro é o que vem de Amazonas (Dona S., 40 anos).*

A experiência profissional dos comerciantes variou de 1 a 25 anos (Tabela 2). Conforme eles próprios expuseram, o conhecimento sobre o uso mágico-medicinal de recursos animais dá-se de maneira formal e informal (Tabela 2), uma vez que as informações são adquiridas tanto através de livros quanto por meio de conversas com clientes, colegas de profissão, vendedores dos produtos zoterápicos e parentes.

## DISCUSSÃO

O comércio de produtos de origem animal para fins medicinais e mágico-rituais na cidade de Feira de Santana corrobora a hipótese da universalidade zoterápica (MARQUES, 1994), que afirma que toda sociedade humana que apresenta sistema médico desenvolvido utiliza animais como remédios. Os saberes e práticas relacionados com a zooterapia popular estão bem integrados com outros aspectos da cultura da qual fazem parte (FLEMING-MORAN, 1993). Desse modo, o uso de remédios, simpatias e profilaxias mágicas envolvendo animais deve ser compreendido segundo uma perspectiva cultural, uma vez que sistemas médicos são organizados enquanto sistemas culturais.

Para o senso comum, os animais não apenas intervêm nas diferentes fases de cura de um enfermo, como também existem concepções nas quais eles desempenham papéis simbólicos ou adquirem faculdades humanas que os levam a agir como instrutores, agoureiros ou protetores contra as enfermidades (MARIA Y CAMPOS, 1972). Por essa razão, o uso ritualístico de animais é uma prática bastante comum em diferentes culturas. Na Bahia, há o registro da utilização dos pêlos tostados de aranhas caranguejeiras para a confecção de pombas (giz utilizado no candomblé para riscar no chão os pontos que devem atrair os santos), com o objetivo de afastar espíritos obsessores ou mesmo causar a morte de pessoas (COSTA NETO & OLIVEIRA, 2000); defumadores feitos com as raspas dos chifres de veado e de boi são usados em oferendas rituais, conhecidas vulgarmente como “despachos”, assim como galinha, pombo, bode, sapo, cavalo-marinho e estrela-do-mar também são empregados nesses rituais (COSTA NETO, 1999a).

Tabela 2. Tempo de experiência e modo de aquisição de conhecimentos em zooterapia pelos indivíduos entrevistados.

Entrevistado	Local	Experiência	Como obteve o conhecimento
P. S. S., 17 anos	Casa de Ervas Pai Joaquim	1 ano	Aprendeu com colegas de trabalho
L. R., 37 anos	Idem	10 anos	...
P. F. L., 40 anos	Casa de Ervas São Pedro	16 anos	<i>Trabalhando no dia-a-dia, né? Ai a gente vai e pega experiência. Comecei a trabalhar com 17 anos. Sempre vi as pessoas falando e fui. Peguei experiência na prática mesmo.</i>
B. A. de J., 45 anos	Ambulante	...	<i>Comecei trabalhar, né? Ai o freguês disse: 'Ô moça, por que a senhora num bota o cavalo-marinho na banca pra trabalhar com ele, pra vender. Tem muita saída'. Eu pensava, eu mesmo num gostava, né? Ai comecei a botar um pouquinho, começou a vender; começaram a gostar, né?</i>
M. de J. S., 54 anos	Ambulante	15 anos	<i>Comecei a vender através de algumas pessoas mais velhas, da orientação, que chegam para vender e dizem que serve pra isso, para aquilo e pra aquilo outro.</i>
J., 45 anos	Ambulante	6 anos	<i>Eu tenho um livro de planta, né? Ai eu vou lendo e vou [...]. Um livro de planta é melhor que ensina tudo, né? Ensina tudo.</i>
A. G. S. dos S., 46 anos	Casa de Ervas Yemanjá	10 anos	<i>Às vezes, por medicina, reportagem, né? Que a gente vai sempre gravando. Pessoas mais velhas também. A gente vai sempre gravando e ficando no arquivo, sabe? Pra gente também explicar pras outras pessoas também que vêm entrevistar ou comprar também.</i>
S., 40 anos	Casa de Ervas São Jorge	25 anos	<i>Eu sou filha sabe de quem? De uma senhora que é famosa aqui em Feira de Santana. [...]. Eu aprendi muito com ela. É minha mãe de sangue. Não é de santo não. É de sangue.</i>
M., 44 anos	Centro de Abastecimento	16 anos	...

Muitos estudos confirmam o que os praticantes da zooterapia conhecem e vêm empregando por séculos. Os chineses administravam a pele e as secreções das glândulas parótidas de sapos para regular as funções corporais internas e a fertilidade ou como uma panacéia contra mordida de cachorro. Segundo MCGIRK (1998), cientistas brasileiros vêm estudando uma espécie de rã que é usada pelos índios Yawanawa para curar doenças intestinais. ZHANG *et al.* (1992) registraram os usos terapêuticos de minhocas e encontraram os seguintes efeitos: antipirético, antiespasmódico, diurético, desintoxicante, antiasmático, anti-hipertensivo, antialérgico e espermicida; MEBS *et al.* (1996) isolaram um fator anti-hemorrágico (a erinacina) do plasma do porco-espinho europeu; BUT *et al.* (1991) demonstraram ações antipiréticas dos extratos aquosos dos chifres de rinocerontes e búfalos.

Na medicina popular dos pescadores de Conde, Bahia, chás feitos a partir do pó de estrelas-do-mar (*Luidia senegalensis*), pinaúnas (*Echinometra lucunter*) e estrelas-da-costa (*Mellita* sp.) são sempre recomendados para asma (COSTA NETO, 1998). Os índios Seri que vivem no deserto de Sonora, México, costumam utilizar as estrelas *Luidia phragma* e *Phataria unifascialis* na cura de hemorragia pós-parto e inchaços no corpo, respectivamente (FELGER & MOSER, 1974). Estudos farmacológicos realizados com espécies de equinodermos revelaram que esses animais são fontes de compostos ativos importantes, como *Actinopyga agassizi* (antitumorais), *Acanthaster planci* (antivirais) e *Asterias forbesi* (anti-inflamatórios) (FINKL, 1984).

Cavalos-marinhos são recursos bastante utilizados

e facilmente encontrados em bancas e barracas de erveiros de todo o país. De acordo com BOTSARIS (1995), a prática do uso terapêutico desses peixes foi introduzida no país pelos escravos africanos. Esses peixes têm sido recomendados na medicina tradicional brasileira como tônico para tratar debilidade física, impotência, asma, bronquite, reumatismo e gastrite (LAGES FILHO, 1934; MARQUES, 1995; COSTA NETO, 1999a). Entretanto, devido ao uso indiscriminado de remédios à base de cavalos-marinhos, eles estão se tornando raros em algumas regiões do mundo. Na Indonésia, por exemplo, a população desses animais reduziu-se à metade desde 1990, uma vez que os machos “grávidos” são as presas mais comuns (**Revista Manchete**, dez. 1995, p. 28).

O que ocorre com o cavalo-marinho, através de práticas zoterápicas e mágico-rituais, é um fenômeno transcultural relevante porque implica pressão adicional sobre populações críticas. Alguns dos animais medicinais comercializados em Feira de Santana encontram-se ameaçados de extinção, como, por exemplo, o jacaré, cujo couro é indicado para o tratamento da asma, cansaço e derrame. Outro exemplo é o chocalho de cascavel indicado para asma e cansaço. Por outro lado, uma vez que peixes-boi são animais raros e ameaçados, muito provavelmente os compradores e usuários de medicamentos à base desses recursos (*e.g.*, enlatados com sua “banha”) estejam adquirindo e utilizando banhas de outros animais, como a de galinha. Exemplos de falsificações zoterápicas são registrados na literatura (MARQUES, 1997, 1999).

Os próprios comerciantes sabem que os animais estão em extinção, pois demonstraram receio, durante as

entrevistas, tanto em falar sobre os animais quanto em exibir seus produtos. Isso acontece porque os vendedores achavam que se tratava de fiscalização do IBAMA ou do Centro de Recursos Ambientais do Estado da Bahia, cujos fiscais costumam apreender produtos de animais proibidos de comercialização. Os produtos zoterápicos, muitas vezes, ficam escondidos sob aqueles oriundos de plantas e são secundários em relação aos produtos fitoterápicos.

O comércio de produtos animais em estabelecimentos comerciais, em feiras livres ou em barracas ambulantes nas ruas da cidade resulta em uma prática que impõe riscos aos comerciantes, visto que é ilegal negociar com produtos de origem animal extraídos da natureza. Deve-se considerar, contudo, que o valor dos recursos medicinais derivados de animais é significativo; eles, juntamente com as plantas, geralmente são quase os únicos recursos disponíveis para a maioria da população humana, que tem acesso limitado aos medicamentos alopáticos e a cuidados médicos apropriados. COSTA NETO (1999b) já afirmou que ao invés de mandar os praticantes da zooterapia popular para a prisão ou forçá-los a abandonar tal prática, essa interação ser humano/animais deveria ser vista dentro de sua dimensão cultural. Desde que os povos vêm utilizando animais por um longo tempo, não é a supressão do uso que salvará

as espécies da extinção.

## CONCLUSÃO

Os produtos de origem animal comercializados com fins mágico-medicinais na cidade de Feira de Santana resultam importantes tanto para os indivíduos que os comercializam quanto para aqueles que os utilizam. Para os primeiros, a venda desses produtos, juntamente com recursos vegetais e minerais, é um meio de subsistência. Os usuários adquirem esses produtos porque acreditam em seu poder curativo e mágico-ritualístico. Tal fato independe da classe social do usuário, mas a parcela predominante da sociedade que faz uso desses materiais pertence à classe social mais baixa devido às condições sócio-econômico-culturais; daí voltarem-se aos recursos zoterapêuticos.

O estudo da zooterapia popular é importante, pois a partir de levantamentos dos produtos animais utilizados e das receitas populares indicadas para determinadas enfermidades, pode-se incorporar esses produtos animais na produção de fármacos, quando comprovada sua eficácia, e assim ajudar no tratamento e alívio de muitas doenças dos seres humanos. Deve-se buscar, no entanto, um padrão de uso de recursos animais ecológico e eticamente sustentáveis.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOTSARIS AS. 1995. **Fitoterapia chinesa e plantas brasileiras**. São Paulo: Editora Ícone.
- BUT PPH, YK TAM & LC LUNG. 1991. Ethnopharmacology of rhinoceros horn. II: Antipyretic effects of prescriptions containing rhinoceros horn and water buffalo horn. **Journal of Ethnopharmacology** 33: 45-50.
- COSTA NETO EM. 1998. **Etnoictiologia, desenvolvimento e sustentabilidade no litoral norte baiano. Um estudo de caso entre pescadores do município de Conde**. Universidade Federal de Alagoas, M.Sc. diss.
- COSTA NETO EM. 1999a. **“Barata é um santo remédio”: introdução à zooterapia popular no estado da Bahia**. Feira de Santana: UEFS.
- COSTA NETO EM. 1999b. Healing with animals in Feira de Santana city, Bahia, Brazil. **Journal of Ethnopharmacology** 65: 225-300.
- COSTA NETO EM. 2004. Implications and applications of the folk zooterapy in the state of Bahia, Northeastern Brazil. **Sustainable Development** 12(4): 161-174.
- COSTA NETO EM. 2005. Animal-based medicines: biological prospection and the sustainable use of zooterapeutic resources. **Anais da Academia Brasileira de Ciências** 77(1): 33-43.
- COSTA NETO EM & MVM OLIVEIRA. 2000. Cockroach is good for asthma: zooterapeutic practices in northeastern Brazil. **Human Ecology Review** 7(2): 41-51.
- FELGER RS & MB MOSER. 1974. Seri Indian pharmacopoeia. **Economic Botany** 28(4): 414-436.
- FINKL CW. 1984. Os medicamentos do mar, p. 74-75. In: J-Y COUSTEAU (ed.). **Enciclopédia dos Mares. Vol. 1**. Rio de Janeiro: Salvat.
- FLEMING-MORAN M. 1993. The folk view of natural causation and disease in Brazil and its relation to traditional curing practices. **Bol. Mus. Para. Emilio Göeldi** 8(1): 65-156. Série Antropologia.
- FOSTER GM. 1983. Introduction a l'ethnomédecine, p. 17-24. In: RH BANNERMAN, J BURTON & C WEN-CHIEN (eds.). **Médecine traditionnelle et couverture des soins de santé**. Geneva: OMS
- GÓMEZ-ULLA AA. 1983. Los animales en la antigua formulación magistral. **OFFARM** 2(2): 75-82.
- LAGES FILHO J. 1934. **A medicina popular em Alagoas**. Salvador: Separata dos Arquivos do Instituto Nina Rodrigues.
- LEV E. 2003. Traditional healing with animals (zooterapy): medieval to present-day Levantine practice. **Journal of Ethnopharmacology** 85(1): 107-118.
- MARIA Y CAMPOS T DE. 1972. Los animales en la medicina tradicional meoamericana. **Anales de Antropología** 16: 183-223.
- MARQUES JGW. 1994. A fauna medicinal dos índios Kuna de San Blás (Panamá) e a hipótese da universalidade zoterápica. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 46., Vitória. **Anais...** Vitória: UFES. p. 304.
- MARQUES JGW. 1995. **Pescando pescadores: etnoecologia abrangente do baixo São Francisco**. São Paulo: NUPAUB.
- MARQUES JGW. 1997. Fauna medicinal: recurso do ambiente ou ameaça à biodiversidade? **Mutum** 1(1): 4.
- MARQUES JGW. 1999. Da cartilagem de tubarão à batata de teiú (passando pela carne de urubu): remédios novos ou velhas fantasias? In: ENCONTRO DE ZOOLOGIA DO NORDESTE, 12., Feira de Santana. **Resumos...** Feira de Santana: UEFS. p. 11-16.
- McGirk T. 1998. Gene piracy. **Time**, p. 20-25, nov. 1998.
- MEBS D, T OMORI-SATOH, Y YAMAKAWA & Y NAGAOKA. 1996. Erinacin, an antihaemorrhagic factor from the European hedgehog, *Erinaceus europaeus*. **Toxicon** 34(11-12): 1313-1316.
- MELO ASAF. 1999. **A zooterapia popular e seus aspectos comerciais no município de Feira de Santana, Bahia**. Monografia do Curso de Especialização em Zoologia, Universidade Estadual de Feira de Santana.
- PEREIRA GK & FJB SOUTO. 1999. Uma abordagem etnoecológica da utilização de animais na medicina popular na comunidade pesqueira de Acupe, Santo Amaro-Bahia. In: ENCONTRO BAIANO DE ETNOBIOLOGIA E ETNOECOLOGIA, 1., Feira de Santana. **Resumos...** Feira de Santana: UEFS. p. 181-190.
- PINA L DE. 1946. Flora e fauna brasileiras nos antigos livros médicos portugueses. **Brasília** 3: 149-357.

PINO JMM & J RAMOS-ELORDUY. 2003. Los animales usados en la medicina tradicional y sus aplicaciones en la ciencia y en la economía del México de hoy. In: CONGRESO MEXICANO DE ETNOBIOLOGÍA, 5., Chipango, 2003. **Resúmenes...**

Chipango: Universidad Autónoma de Chipango. p. 58.  
ZANG F-X, B-Z GUO & H-Y WANG. 1992. The spermatocidal effects of earthworm extract and its effective constituents. **Soil. Biol. Biochem.** 24(12): 1247-1251.

APÊNDICE - Modos de preparo e de administração dos zooterápicos, segundo os comerciantes entrevistados.

### Arthropoda

Formiga-conga (Ponerinae)

Torrar uma formiga-conga e depois moê-la até obter um pó. Fazer o mesmo com o espinho de luís-cacheiro. Misturar os dois ingredientes e preparar um chá, que é recomendado para casos de constipação.

Aranha (Theraphosidae)

O pó do “couro” de uma aranha (provavelmente uma caranguejeira), juntamente com o pó de uma formiga-conga torrada, são ingredientes usados na preparação de uma pamba-corredeira (também conhecida como pó de enjô, pó de sumiço), cuja finalidade é fazer mal a alguém.

### Equinodermata

Estrela-do-mar (Asteroidea)

Torrar um pedaço da estrela-do-mar, moer e colocar o pó resultante em um chá ou em água morna. Esse remédio é indicado para o tratamento de gripe, asma, cansaço e para “arrancar o catarro do peito”. Pode-se acrescentar mel a gosto.

### Peixes

Cavalo-marinho (*Hippocampus* sp.)

Fazer um chá com o pó de um cavalo-marinho torrado e bebê-lo para o tratamento de gripe, asma, cansaço e bronquite. Para o resultado ser mais rápido, mistura-se com o pó de uma estrela-do-mar torrada. Pode ser feito um lambedor, acrescentando-se mel.

Cozinhar um cavalo-marinho e beber a água para o mesmo fim.

Peixe-espinho (?)

Misturar o óleo de peixe-espinho com o óleo de peixe-boi e aplicá-lo no local que tem frieiras e rachaduras nos pés.

Peixe-pedra (?)

Colocar o óleo de peixe-pedra em um chá, que é tomado para tratamento de problemas no fígado, cirrose e cólica.

### Amphibia

Sapo-boi (Bufonidae)

Com o couro se prepara pamba-corredeira.

### Réptil

Jacaré (Alligatoridae)

Torrar o couro de jacaré e tomar o pó resultante na água morna ou em chá para tratamento de asma, cansaço e derrame.

Cascavel (*Crotalus durissus*)

Torrar o chocalho e preparar um chá com o pó resultante para o tratamento de cansaço, asma e epilepsia.

Carregar o chocalho na carteira como um amuleto para dar sorte.

Jibóia (*Boa constrictor*)

Torrar o couro da jibóia e fazer um chá com o pó resultante para casos de cólica.

Fazer defumador com o couro, espalhando-se a fumaça pela casa para “prosperar dentro de casa” e para tirar “o grande” (mau-olhado).

### Ave

Pavão (*Pavo cristatus*)

Fazer um chá com o pó das penas torradas para o tratamento de derrame e epilepsia.

Ema (*Rhea americana*)

Misturar o couro ou o óleo com um pouco de água morna e passar no local afetado para tratar casos de “dessepele” (erisipela?), ferimentos e dores na coluna.

Tomar essa mistura em casos de cansaço.

### Mamífero

Luís-cacheiro (*Coendou* sp.)

Torrar e moer o espinho e colocar o pó resultante no chá para tratar derrame e “vento caído”.

Misturar com o pó de uma estrela-do-mar e tomar em casos de cansaço (asma).

Boi (*Bos taurus*)

Torrar e moer a maçã-do-boi e tomar no chá para tratamento de derrame, “vento” e “comida que fez mal”.

Quati (*Nasua nasua*)

Colocar a raspa do cipó de quati em uma garrafa com várias ervas. Isso é indicado para tratar impotência sexual masculina.

Peixe-boi (*Trichechus* sp.)

Misturar o óleo de peixe-boi com o óleo de peixe-espinho e aplicar em casos de coceiras, dor no espinhaço e dor na barriga.